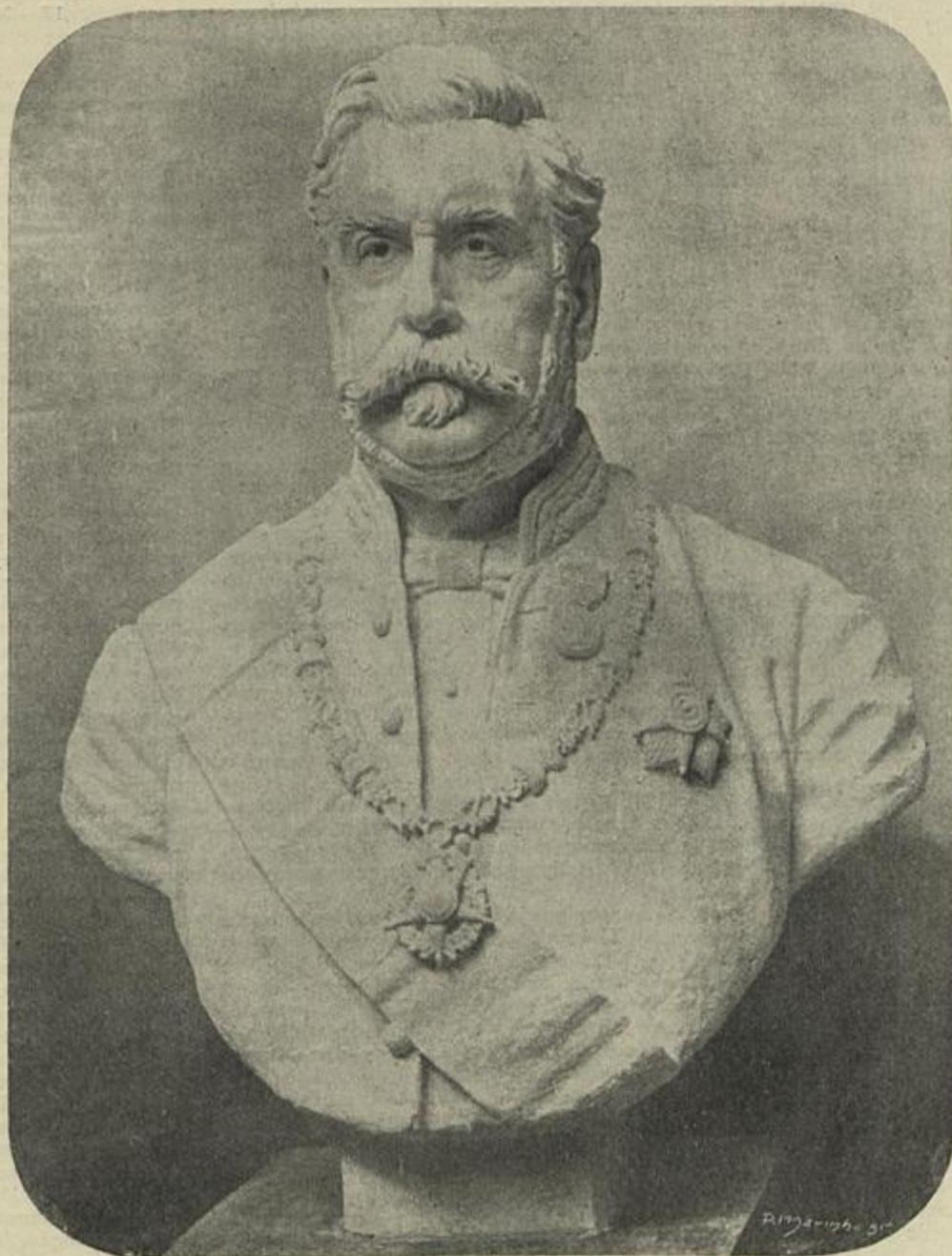


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	29.º Anno — XXIX Volume — N.º 1:000	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i> Typ. do Anuario Commercial — Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	10 DE OUTUBRO DE 1906	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



BUSTO DE ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO
 ESCULTURA DO SR. JOSÉ MOREIRA RATO, DESTINADA AO MONUMENTO EM ESPOSENDE
 (Cliché Benollet)

Chronica Occidental

Pela primeira vez, desde que Gervasio Lobato deixou cair de sua mão de moribundo a penna que tão espirituosas chronicas escreveu para este OCCIDENTE, pela primeira vez, estando eu n'esta cidade, faltei ao compromisso, tomado com Caetano Alberto, de dar aos leitores d'este jornal, como melhor soubesse ou pudesse, noticia do que n'este paiz occidental fosse acontecendo. A minha falta supriu-a elle no ultimo numero, e com palavras tão amaveis, que, retomando o meu lugar, quero começar por agradecer-lh'as, já felizmente socegado meu coração, grato aos amigos de que tantas provas de amizade recebi mais uma vez.

Voltando á minha vida de todos os dias, encontrei Lisboa como a deixára. Talvez que se eu transcrevesse para aqui trechos da chronica, que Caetano Alberto assignou ha já mais d'uma semana, muitos os julgariam escriptos de agora, tão pouco mudaram os assumptos, ainda que importantes, pouco variados.

As camaras, eis no que todos falam, e nos deputados republicanos e suas estreias e no discurso do Sr. João Arroyo na camara dos pares. Politica, sempre politica. D'essa se pode gabar o Sr. João Franco e de haver reaccendido o que muitos julgaram cinzas e de até haver acordado para a discussão, senão já para a lucta, muitos indifferentes, o que talvez não seja pouco.

Durará ou não durará a colligação liberal? E' a pergunta que muitos fazem. E por haverem chamado aos Srs. João Franco e José Luciano os irmãos siamezes, lembrei-me d'uma historia de ha muitos annos. Exhibam-se então ao publico, n'um theatro de Londres, duas pretinhas que haviam nascido ligadas pelas costas. E dizia um espectador: — Eu já vi outro phenomeno assim. Mas não eram duas irmãs.

— Bem sei, diz outro; eram dois irmãos.
— Também não. Eram duas primas.

Não será caso que o Sr. José Luciano e João Franco sejam primas?

Deixando a solução do problema a quem de politica saiba muito mais do que nós e tenha nos astros aprendido a ler, só lhe diremos que aproveite o oculo, por onde os olhos fita no firmamento, e nos diga se por lá encontra noticia da duração da paz e socego que vão na camara municipal, apesar de muitas bochechas inchadas com que sopram sobre ella a desencadear temporaes. Foi a questão das carnes, é agora a das entrelinhas.

De tal maneira estes casos interessaram, que quasi despercebido ia passando o conselho de guerra em que no tribunal de Santa Clara foram julgados dois officiaes portuguezes responsaveis pelo desastre das nossas tropas no Cunene. Ha pouco mais de dois annos que isso foi, mas quem não conserva na memoria a horrivel impressão produzida pela nova fatal? Não haveria talvez culpabilidade dos commandantes; a derrota seria uma fatalidade, que nem a coragem nem a intelligencia humana poderiam evitar; o tribunal lá estava para decidil-o; mas, fosse como fosse, deve ser lição para aproveitar.

Não estavam costumados a receber d'estas novas. Foi por isso a impressão maior. Quando viamos partir para a Africa soldados expedicionarios, acompanhavam-os uma certeza de victoria. Ao sonho nos obrigavam façanhas de portuguezes que nos transportavam aos tempos mais gloriosos da nossa historia. Veio uma vez uma desillusão. Não seria sempre.

Depois da apothese final, o panno levantou, já meias apagadas as luzes. Não ha coisa mais triste do que um palco, quando, finda o espectáculo, tudo retira, e o gaz se apaga pouco a pouco e por fim só uma lanterninha posta no chão illumina palco e sala, havia pouco cheios de luzes, de ruidosos applausos, de enthusiasmos. Na vida é ás vezes como no theatro.

Deve a gente costumar-se a tudo. No theatro é mais facil que na vida, mas até n'este, por muito que se frequentem os palcos, succede muita vez o contraste ser tamanho, que ha de notar-se por força. Lembro-me ainda o effeito que me fez o Augusto Antunes, vestido de general romano, muito imponente, fazendo as contas do beneficio.

Mas a illusão volta breve. Não vejo cartaz annunciando magica, que me não lembre os meus enthusiasmos de pequeno e não sinta desejos de, mais uma vez, acreditar em fadas poderosas em princezas encantadas e em escudeiros destemidos.

Muito velho é o Eduardo Garrido! Foi elle, era eu pequeno, que me forneceu uma das minhas me-

lhores noites com a *Pera de Satanaç* e ainda é o nome d'elle que vejo agora nos cartazes do theatro da Trindade, auctor das *Tangerinas Magicas*. Parece-me que muitos exemplos assim não haverá de se conservar intensamente a mesma graça o mesmo espirito na prosa, a mesma arte no verso! Houve tempos no Brasil em que era preciso que o nome do Garrido figurasse no cartaz para que o theatro tivesse concorrência. E o Garrido é sempre o mesmo!

Vão os theatros abrindo. Já inauguraram suas recitas os theatros da Trindade, da Avenida e do Gymnasio; o Principe Real deve abrir um dia d'estes; os trabalhos de ensaios principiam em D. Amelia no dia 15, segundo consta. O Colyseu abriu as suas portas para uma enchente enorme.

A companhia de D. Maria, ainda muito amedrontada com os pontos de interrogação a que o governo não quer responder, partiu para o Porto onde inaugura a epocha. A morte da infeliz Carolina Falco, que a tanto repertorio estava presa, obrigou a Sociedade a propor escriptura a Anna Pereira, unica actriz talvez que podia substituir a que tão sympathico nome deixou no theatro. Luiz Pinto sahio da sociedade e Angela Pinto requereu trez mezes de licença ao governo, dizendo-se que tenciona depois pedir a demissão, indo explorar um theatro por sua conta.

Dir-se-hia que anda enguio n'aquelle theatro do Rocio, ou será que entre actores não ha accordo possivel?

O publico cada vez mais procura divertir-se, e não tardará que a lista dos espectaculos em Lisboa seja tamanha como a de Paris, sendo já, relativamente á população, talvez muito maior entre nós, entrando no rol os theatros e mais divertimentos de feira que se vão batendo conforme podem com as casas de Lisboa. Houvesse accordo entre os interessados, e podiamos ainda ter alguma companhia de primeira ordem.

Vae longe o tempo em que Lisboa de verão se via quasi reduzida ao velho Passeio Publico onde Justino Soares, agora fallecido, mostrava o seu talento, ensinando as meninas a dançar ao som da charanga dos marinheiros. Pobre Justino! Ha de ter feito saudade o seu nome entre as tarjas negras do convite funerario a muitos a quem a careca já vae alargando e as pernas, muito perras, não permitem as folias d'outros tempos, as polcas e valsas. Immortalisou-o a caricatura de Raphael Bordallo, e o Valle n'uma das revistas de Schwalback imitava-o na perfeição. Foi um dos typos mais populares de Lisboa, com o seu chapéu branco, a badine e o charuto mettido na boquiha.

Não sei se haverá quem tenha saudades do passeio e de suas grades e dos cisnes de pedra na cascata, onde se queimavam os fogos de vista. E' natural que sim. Que tempo passou alguma vez sem deixar saudades? Era o campo dos conquistadores, e o Douro e o Tejo, que ainda lá estão muito serios, com as suas grandes barbas de marmore, fartaram-se de ver por ali muitos olhos doces, acarneirados.

O Passeio Publico e o Campo de Sant'Anna eram os unicos pontos de reunião n'esse tempo, aos domingos os unicos dias de festa. No Porto hão de realizar se algumas ascensões de balão. No domingo passado estava para subir aos ares o aerostato *Liberal*, feito n'aquella cidade, devendo ser pilotado pelos srs. Cesar Campos e Francisco de Carvalho, que para isso obtiveram da auctoridade a necessaria licença. Falta de gaz não permitiu que os navegadores demonstrassem seu denodo.

Dizia ha dias um jornal de Lisboa, que talvez o progresso da navegação aerea nos venha algumas vezes esclarecer sobre os misterios da lua. Não podemos deixar de chamar para este problema a attenção dos srs. Campos e Carvalho, pedindo-lhes que façam toda a diligencia para o resolverem antes da sua projectada partida para o Brasil. Obteriam assim uma gloria pelo menos igual á do padre Hymalaia, que será talvez um grande ignorante ao pé do jornalista apaixonado pela lua, e que, um dia d'estes, arriscou muito sua fama, tendo dito missa em Arcos de Val-de-Vez, terra da sua naturalidade.

Estou d'aqui a ouvil-os, os sabichões, que, porque outros conseguiram trepar ao banquinho d'onde avistaram maior horizonte á ignorancia, se ufanaram todos das luzes do seculo e falam de papo da sciencia que não teem e do desthronamento de Deus. Pois olhem que Pasteur, a quem perguntaram se era christão, respondeu: — Como um bretão, e com muita pena de não saber muito mais, porque o seria como uma bretã.

O padre Hymalaia é como o Pasteur... Coitadol

JOÃO DA CAMARA.

BUSTO DE ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

ESCALURA DE JOSÉ MOREIRA RATO
DESTINADA AO MONUMENTO EM ESPOSENDE

Em o n.º 993 do OCCIDENTE commemorativo do centenário de Antonio Rodrigues Sampaio, referiu-se esta revista ao monumento que os seus conterraneos lhe vão levantar em Esposende e de que foi lançada a primeira pedra no dia 25 de julho d'este anno, em que se completou um seculo que o grande jornalista nasceu na pobre freguezia de S. Bartholomeu do Mar.

Para esse monumento foi encarregado de fazer o busto de Sampaio, o conhecido e bem reputado escultor sr. José Moreira Rato, busto que vae ser fundido em bronze.

É este mais um trabalho notavel do distincto artista, não só pela semelhança do personagem que representa, mas tambem pela irreprehensivel modelação de um mestre, como se póde apreciar pela gravura que publicamos na primeira pagina d'este numero.

Alexandre Herculano em casa de Bulhão Pato

17 — NOVEMBRO — 1875

Fui proximo visinho de Bulhão Pato durante muitos annos, quando elle morava na hoje já lendaria casa da rua das Praças, á Lapa.

Uma verdadeira *maisonnette* de poeta, com um primeiro andar, independente de visinhos da esquerda e da direita, parceiros incommodos, que nos fazem e a quem fazemos bulha — em cima, no segundo piso, outro alojamento com duas janellas e frestas envidraçadas, onde elle tinha a sua residencia modesta, mas independente, e onde trabalhava e recebia os seus amigos — os dos bailes — os das lettras — e os das caçadas.

Esta casa do poeta, verdadeira casa de poeta, este era-o sempre — desde pela manhã até á noite e desde a noite até de manhã — esta casa, pequena, nada ruidosa, foi durante muitos annos, muitissimos, em Lisboa, um verdadeiro centro litterario, um centro de *sport* e um centro mundano.

Se entre os numerosos amigos, escriptores, e amadores das lettras, que se encontram em taes rodas, houvesse um annalista, curioso e sereno, como aquelle immortal Ectermann, o amigo do grande, do famoso allemão Goëthe, e outros da mesma sympathica familia, nós teriamos hoje umas interessantes, umas primorosas paginas, d'onde sahiria colorido com os toques da vida, um jornal, em que ficaria condensada a brilhantissima conversação dos mais excellentes e originaes espiritos do nosso tempo — dos mais antigos e dos mais modernos, desde Herculano e Castilho até Anthero do Quental, para não citar senão os maximos, os mais retumbantes, os mais agudos.

Foi n'esse, que podemos chamar quartel-general, não das armas, mas das lettras, que se encontraram, que se deram *rendez-vous*, os mais brilhantes poetas, os mais imaginosos prosadores, os melhores conversadores das escolas modernas. A conversação é tambem, no nosso entender, uma fórma litteraria, que tem os seus generos, os seus estylos, e, como as outras formas litterarias, os seus Mestres — alguns d'elles notaveis.

Um capitulo muito curioso, e digno de ser estudado: aqui fica a nota. O poeta a todos seduzia e maravilhava com os formosos e coloridos improvisos da sua brilhante imaginação.

Passaram esses esplendidos dias, de formosas inspirações, de ardentes dialogos, e, infelizmente, nós, ricos desperdiçados, os deixámos perder e fundir no descuidado esquecimento!

Que deliciosas memorias, ricas de ensinamento, sem pretensão, lições livres do duro sobressanho do *magister*, amenas, tocadas, coloridas pela mão, alli despreoccupada, sincera, familiarmente poetica, do amigo, que se sente entre amigos!

Que deliciosas paginas seriam as engrinaldadas n'essas assembleias pela palavra colorida, a eloquencia vibrante, demosthenica do grande José Estevão e de Garrett! Aqui as brilhantes divagações os devaneios litterarios, a doce, a suave inspiração de Castilho, enlevado nos seus poeticos ideais, na sua eterna aspiração para um mundo

em que elle criava formosos quadros que só elle, elle só julgava realisaveis!

Esses sonhos, esses poeticos devaneios do famoso poeta, estão impressos uns, outros esperam a luz que nol os deixe ver e admirar, no seu esplendor.

Mas este meu lembrar grandes nomes, figuras immortaes, que, como brilhantes astros, hão de fulgurar no mundo intellectual da nossa terra, que não os póde, que não os poderá esquecer, traz-me já afastado do fim principal d'estas memorias...

II

Um dia, entrando eu em casa de Bulhão Pato, o illustre poeta, depois d'algumas palavras trocadas, perguntou-me se eu, que elle sabia curioso de autographos, conhecia a letra de Alexandre Herculano, e estendeu-me uma carta que n'aquella manhã acabára de receber do Mestre.

Nunca vira d'elle mais do que a assignatura, em *fac-simile*, acompanhando o seu retrato na *Revista Contemporanea*.

— Discretamente olhei, e ia restituir-lh'a, quando elle me disse:

— Podes lê-la.

A carta dizia isto:

Amigo

Tenho de ir hoje ao Thesoiro falar com o Olival por causa de uma porção de arvores pertencentes á igreja da Azoia e existentes em Val-de-Lobos, a respeito das quaes quero usar do direito que me dá o Codigo Civil. Depois tenho de ir pelo escriptorio do Mota-Veiga por causa de uma demanda de um visinho meu pela qual me interesse. Se dadas estas voltas poder estar no sitio, lá vou antes das 4 horas. Se me tivesse prevenido com tempo teria dado outro rumo aos negocios.

A Marianna, com essa não conte.

Está bastante constipada, e não se atreve a sair. Este ar de Lisboa é bem bom!

Amigo

Herculano.

Esta carta tem a data de 17 de novembro de 1875. Onde isto vae! Deu-m'a o poeta.

E' o unico autographo, que possuo do illustre escriptor.

Alexandre Herculano poude libertar-se dos seus negocios, das suas prisões forenses, a tempo de poder vir, conforme dissera. E foi ahí que eu o vi mais demoradamente, pela primeira vez — primeira e, infelizmente para mim, unica.

III

Ha phisionomias, que o pincel do artista pode melhorar com a côr, porque as linhas não são tão accentuadas, as arestas tão vivas, que lhe traduzam o sentimento, o character. Na cabeça de Herculano o que avultava era o craneo, e esta forma, quando excessiva e dominadora, nunca foi um caracteristico da formosura humana: não são typos de belleza as cabeças de Cesar, de Napoleão, de Victor Hugo — são as do Apollo, do Antinão.

Os olhos grandes, d'um bello e vigoroso azul, pareciam estranhos n'aquelle rosto, de expressão severa. A cabeça do Mestre era a d'um luctador — a sua expressão, sempre séria e severa, não convidava ao gracejo.

A estatura era mais alta do que baixa, um pouco inclinada, como costuma ser a dos grandes pensadores — nutrição mediana, os pés pequenos e estreitos, as mãos brancas, nada pilosas — as mãos d'um nervoso — poderiam ser as d'um *petit abbé* do antigo regimen. A expressão altiva dos olhos e a exiguidade dos seus pés, estavam a pedir, uma farda aristocratica e o calção e os sapatos de fivela.

Não houve, n'este meu primeiro encontro dentro d'uma casa, com o illustre escriptor, a cerimonia da apresentação — Bulhão Pato não se esquecera que já nos tinhamos aproximado e cortejado — apenas isso — de frente da Livraria Bertrand, quando alli nos encontrámos, os tres, um dia em que eu estava conversando com o poeta, meu amigo, por tal signal, que Herculano, ao despedir-se de nós, me estendeu a mão, e eu, não esperando tal honra, nem tendo direito a tanta familiaridade, não correspondi, no que fui involuntariamente d'uma inaudita grosseria. Saudando-o respeitosa e não vira a mão do eminente escriptor!

IV

Bulhão Pato é pontualissimo, como um *gentleman* nos prazos e horas marcadas para qual-

quer encontro ou reunião, seja ou não de cerimonia. A' hora dada por elle eu batia-lhe á porta. Alem da familia, as unicas pessoas, que seriam convivas, eram Herculano e eu.

O Mestre, esse tambem não faltou — exacto n'isso como em tudo.

Era a primeira vez que me encontrava com Alexandre Herculano, e com tal homem, um outro como eu, com a minha linha de porte, de gestos e de palavras, medidas e pensadas, como que devem ser em taes occasiões, aquella scena, commum e banal, tudo o que há de mais banal, não o foi, pela circumstancia especial de não serem communs e banaes os individuos que ali se encontravam, não foi, digo, o que Bulhão Pato esperava talvez que fosse, e digo talvez, porque não conversamos depois sobre o que se passara n'aquelle dia.

Não era decerto aquella a primeira vez, que Herculano jantava em casa do illustre poeta, mas era decerto para mim a primeira de ali o encontrar; por consequencia não sei se elle era muito ou pouco conversador á mesa — n'aquelle dia foi o menos possivel. Era isso n'elle habitual?

Devia elle saber, que eu era intimo em casa de Castilho. Influiria isso na sobriedade de suas palavras?

Alguma coisa particular o trazia preocupado? Não sei. D. Maria da Piedade, sempre d'uma grande correcção, tambem não sahia da mesma linha de abstenção, de forma que aquelle jantar onde se encontravam assim pela primeira vez tres homens de letras, habituados a trocar idéas sobre todos os assumptos da historia, da litteratura, da politica, da arte, já fallando, já escrevendo, foi o mais burguez que podia ser!

O visconde de Moreira de Rei, amigo do poeta, e homem então em muita evidencia, — como politico — tinha-o presenteado com umas garrafas de vinho verde, das suas propriedades, em Fafe. Tudo, n'aquelle presente do illustre agricultor, era de primeira qualidade — o vinho, as garrafas, e as rolhas, que teriam um premio n'uma exposição agricola pela sua grãdeza.

Era vinho de torna-viagem do Rio de Janeiro, onde tinha figurado e sido premiado, n'uma exposição. Todos os convivas as acolheram como apreciadores, — toda a gente sabe, que Alexandre Herculano era d'uma sobriedade exemplar, mas tambem ninguem ignora que, nos ultimos annos, se tornára um agricultor distinctissimo.

Deu-se então um caso, que não pertence, nem á historia, nem á litteratura — Bulhão Pato foi mal succedido na extracção da rolha, e passou-me a garrafa, julgando que eu seria mais feliz: ella porém continuou a resistir, e foi então que Herculano interveiu, para que a lucta não continuasse, porque, não sendo a scena nenhum duello, eu poderia sahir ferido n'aquelle combate! Retirou-se pois, aquella, que foi substituida por outra, mais amavel, que nos deixou apreciar as optimas qualidades, o fresco e fino sabor do famoso *verdasco*, que voltara tão justamente vencedor das Terras de Santa Cruz.

Assim se passou este jantar, quasi em silencio, n'uma mesa onde tinham eccoado as vozes alegres dos mais vivos e talentosos rapazes do nosso tempo!

Bulhão Pato, sempre tão conversador e alegre, tinha-se talvez abtido, — deixando-me o campo livre: se o fez intencionalmente, talvez se arrependesse — eu, em taes casos, em taes encontros, lembro-me sempre de que, na duvida, o mais prudente, o mais assizado — é a abstenção. Abs-tive-me pois.

Terminado o jantar, Alexandre Herculano trocou ainda algumas palavras comnosco, despediu-se e partiu.

Foi este — como disse — o meu primeiro, e, infelizmente, unico encontro com o illustre historiador.

15 abril 1906.

ZACHARIAS D'ÁÇA.

Regresso a Portugal do Padre Gomes Himalaia e os seus inventos

Na ultima chronica do OCCIDENTE occupou-se Caetano Alberto deste notavel portuguez que, depois de ter assombrado a America do Norte com os seus maravilhosos inventos, regressou a Portugal onde veio apresentar a sua recente descoberta de um novo explosivo superior a todos até hoje conhecidos.

O primeiro invento com que o padre Gomes Himalaia despertou a atenção do grande publico que visitou a exposição de St. Louis, foi um instrumento, que elle denominou *Pirelioforo*, palavra do grego *pyr*, fogo, *helios*, sol, e *phoros*, eu trago, as quaes reunidas formam termo mais apropriado para designar este instrumento destinado a produzir o fogo por meio do calor solar, ou a concentrar os raios solares n'um ponto dado.

Alguns sabios na antiguidade tentaram este descobrimento, mas sem chegar a resultados praticos. Buffon, o grande naturalista, chegou a construir um aparelho com espelhos de foco variavel e com o qual fez experiencias no jardim das Plantas, de Paris, que deu satisfatorio resultado, pois que tendo collocado o seu aparelho de modo a incidirem os raios do sol concentrados, sobre umas medas de pinho, as incendiaram facilmente. Estas experiencias de Buffon não foram, porém, mais adeante.

O novo instrumento do padre Himalaia compõe-se de um espelho parabolico montado equatorialmente e assim exposto aos raios do sol incidindo normalmente na superficie especular, por meio de um sistema de relojoaria que conserva o espelho na posição primitiva em relação ao sol. Este espelho é constituído por um sector truncado de um paraboloide de revolução. O desenvolvimento da curva na base do sector é de 10^m,75; no lado paralelo á base 5^m,25; a distancia focal 10^m. Assim o espelho mede uma superficie de 80^m quadrados e 6:117 elementos reflectores. Pela accumulção das imagens solares reunidas por este grande numero de elementos no foco dado, obtem-se um calor extraordinario que póde elevar-se a 6:117 graus, calculando 1 grau por cada imagem reflectida no espelho.

Esta elevadissima temperatura é praticamente desnecessaria e por isso o padre Himalaia no seu novo aparelho limita-se a obter o calor correspondente a 3:500 graus, equivalentes á temperatura do forno electrico, temperatura que funde os metaes mais resistentes e até os volatilizas.

E' este o aparelho que depois de aturados estudos feitos em Portugal e no estrangeiro, o padre Himalaia conseguiu construir, e que na exposição de St. Louis obteve o *grand-prix*.

O segundo invento do padre Himalaia é o de um explosivo de força superior aos até hoje conhecidos, sem os inconvenientes perigosos que se notam em muitos d'elles.

A este respeito, diz o inventor que, reconhecendo os perigos que acompanhavam os explosivos existentes, tanto maiores quanto mais inergica era sua força explosiva, resultando explosões que muitas vezes vitimavam tantas vidas e destruiam edificios e até povoações inteiras, isto o fez pensar se não haveria meio de obter um explosivo inergico sim, mas que fosse menos perigoso para as pessoas que tem de se servir de explosivos na exploração de minas, no fabrico de munições de guerra e outras applicações industriaes.

Pensando isto resolveu encetar seus estudos para este fim, e em uma casa, em Washington, numa loja escura e humida estabeleceu um pequeno laboratorio onde deu começo a seus trabalhos. Ao cabo de dois mezes de aturadas experiencias pareceu-lhe ter encontrado o que procurava, mas sem se apressar a fazer publico o seu invento, foi antes submetendo-o a varias provas e só depois d'ellas é que fez suas experiencias em publico, nos arsenaes dos Estados Unidos da America, experiencias que deram o melhor resultado.

Deste modo conseguiu o padre Himalaia o seu proposito de inventar um explosivo para substituir a dinamite, sem os horrorosos desastres que esta tem produzido, pois que a *Himalaite* — assim denominou o inventor o seu explosivo — não se inflama com o choque, nem com a fricção nem com qualquer fásca produzida pelo bater do ferro contra a pedra. Além d'isto não tem emanações de vapores corrosivos que arruinem os operarios, principalmente os que se empregam nas industriaes extrativas, sem que por isso deixe de ser um poderoso agente de demolição.

Na America quizeram comprar a propriedade de este extraordinario invento, mas o seu inventor não quis acceitar as propostas que lhe fizeram sem primeiro o apresentar no seu pais.

Assim o padre Gomes Himalaia veio a Portugal trazer o resultado dos seus trabalhos, fazendo aqui novas experiencias na presença de alguns homens de sciencia, experiencias que repetiu nas proximidades de Cintra, na presença de El-Rei D. Carlos, que a isso o convidou, e do ministro da guerra acompanhado de alguns officiaes de artilharia e de engenheiros, sendo por todos confirmado as qualidades superiores da *Himalaite*.

O padre Manoel Antonio Gomes Himalaia, é natural de Arcos de Val-de-Vez e regressando

agora á patria, donde estava ausente ha uns tres annos, seguiu ha dias para a sua terra natal a visitar seus paes e, porventura, a descansar um pouco dos seus aturados trabalhos.

Esteve, porém, de passagem em Braga, onde os seus condiscipulos que terminaram o curso em 1890, lhe prepararam uma recepção festiva, oferecendo-lhe um banquete no Bom Jesus do Monte, em que tomaram parte tambem o conego sr. Moreira Guimarães professor de theologia, o dr. João Nepomuceno vice-reitor do seminário, o abba de Miranda, do conselho de Arcos de Val-de-Vez e o padre Gaspar Himalaia, irmão do notavel inventor.

Foi depois d'aquelle banquete que todos os comensais se fotografaram em grupo o qual reproduzimos em gravura.

O padre Himalaia encontra-se ao presente em Rendufe, concelho de Arcos de Val-de-Vez e ali tem sido alvo das maiores manifestações de respeito e simpatia.

A camara municipal acompanhada das auctoridades administrativas, judiciaes e ecclesiasticas, assim como de varias corporações operarias, commerciaes e da imprensa local, foram cumprimentar o sabio conterraneo, que tão bem sabe honrar a terra onde viu a primeira luz do dia.

O barco Salva-vidas oferecido por El-Rei D. Carlos aos pescadores de Cascaes

Ainda não desvanecida a dolorosa impressão do naufragio ocorrido em Cascaes no dia 13 do mez passado, temos hoje a consignar nas paginas do OCCIDENTE a valiosa dadiua de El-Rei D. Carlos aos pescadores d'aquella villa, de um barco salva-vidas, pertencente ao yacht real *Amelia*.

Sua Magestade muito sensibilizado pela inesperada desgraça que feriu os pobres pescadores de Cascaes, que perderam tres de seus companheiros victimas do mar subitamente revoltado,



CONEGO MOREIRA GUIMARÃES, PADRE HIMALAIA, DR. JOÃO NEPOMUCENO
PADRE MANUEL ANTONIO GOMES HIMALAIA, OS SEUS PROFESSORES E CONDIPULOS QUE COM ELLE CONGLUIRAM
O CURSO DO SEMINARIO EM 1890

Grupo photographado no Bom Jesus de Braga, depois do banquete oferecido ao notavel inventor pelos seus condiscipulos

quis dar mais uma prova do seu altruismo concorrendo para minorar as consequencias d'aquella desgraça, dando não só uma avultada esmola em dinheiro, mas ainda oferecendo o salva-vidas do seu yacht *Amelia* aos pescadores, para o terem á sua disposição, sempre pronto a acudir aos sinistros do mar, sem dependencia de formalidades nem demoras, que em geral ha nas coisas officiaes, como infelizmente aconteceu com o referido naufragio, em que, por falta de acudir a tempo o salva-vidas do Real Instituto de Socorros a Naufragos, se disse ter dado causa á perda de tres vidas, que pereceram no mar.

Foi esta a primeira impressão do publico, impressão que depois foi atenuada pelo inquerito a que se procedeu, reconhecendo-se, que a falta de lembrança dos pescadores de immediatamente se socorrerem do salva-vidas do Real Instituto, indo buscal-o á arrecadação, é que demorou este em acudir, o que tudo se explica pela confusão que se estabeleceu no primeiro momento, pois nada fazia prever tão grande desgraça, quando o mar estava sereno e sem sinais de vento que o podesse levantar.

Aquella subita revolta do mar na costa attribue-se a repercursão de fenomenos sismicos, que, como se sabe, tem ocorrido em varios pontos do globo.

A entrega do salva-vidas, de El-Rei, aos pescadores, realisada em 25 do mês passado, foi um dia de festa para os habitantes de Cascaes.

N'aquella dia de manhã havia na praia grande animação, afluindo muitas pessoas das que estão a banhos na aristocratica praia, e que concorrem ao acto.

Os pescadores embarcaram em suas canoas embandeiradas e largando velas ao vento navegaram para o yacht *Amelia* onde deviam receber o salva-vidas, o qual lhe foi entregue com todos os pertences, pelo commandante sr. D. Fernando de Serpa. Grande alegria sentiram os pescadores quando se viram na posse do bello barco salva-vidas, no qual levantaram, n'um pequeno mastro o seguinte letreiro encaixilhado: *Offerta de Sua Magestade El-Rei aos pescadores de Cascaes*. Assim voltaram com o barco para a praia onde

Entrega do Salva-Vidas oferecido por Sua Magestade El-Rei D. Carlos aos pescadores de Cascaes



O SALVA-VIDAS NA PRAIA DE CASCAES



PARTIDA DO SALVA-VIDAS DE BORDO DO «YACHT» REAL «AMELIA»

(De photographias)



POVO NA PRAIA DE CASCAES AGUARDANDO A CHEGADA DO SALVA-VIDAS

era grande a aglomeração de povo, encontrando-se El-Rei na Avenida D. Carlos acompanhado do sr. marquez de Soveral.

Os pescadores dirigiram-se então ao monarca a agradecer a sua valiosa dádiva, indo na frente o pescador Antonio Costa, em quem os companheiros delegaram sua representação.

El-Rei vendo que os mais pescadores se lhe dirigiam, desceu á praia, onde estes lhe beijaram a mão muito reconhecidos.

No ar estrelavam os foguetes, que são sempre a expressão mais eloquente da alegria do povo, e sem o que não ha festa possível n'esta terra occidental.



LITERATURA INGLÊSA

G. H. Wells

O OVO DE CRISTAL

(Conclusão)

A noticia causou summo desgosto a mister Wace, e este dirigiu acerbas arguições a si proprio pelo facto de haver descurado os evidentes sintomas da doença do ancião. A sua principal causa de inquietação foi porém o ovo de cristal. Fez varias allusões delicadas a este, pois conhecia as manias de mistress Cave, e ficou estupefacto quando lhe disseram que fôra vendido.

O primeiro impulso de mistress Cave, assim que levaram lá para cima para o quarto o corpo do marido, foi o escrever áquelle tresloucado d'aquelle ecclesiastico que offerecera uma quantia tão avultada pelo cristal, afim de o informar de que o tinha achado outra vez. Mas, em seguida a umas impetuosas pesquisas, nas quaes tomou parte a filha, teve que se convencer de que tinha sumido o endereço. Como porém não dispuzesse dos meios precisos para carpir e enterrar mister Cave com a pompa toda requerida pela dignidade de um velho habitante dos *Sete-Quadrantes*, appellara para outro naturalista seu conhecido, Este dignara-se de encarregar-se, procedente a avaliação, de uma parte das mercadorias. A avaliação fôra feita por elle, e o ovo de cristal incluído em um dos lotes. Mister Wace, em seguida a uns decorosos pêsames, despachados com excessiva prontidão, talvez, abalou de corrida para o estabelecimento do naturalista. Ali, contudo, soube que o ovo de cristal fôra já vendido a um sujeito, alto, trigueiro e vestido de cinzento.

Terminam aqui, abruptamente, os factos materiaes desta curiosa, e para mim pelo menos, mui suggestiva historia. O naturalista não sabia quem fosse o tal sujeito alto e trigueiro e não o tinha observado com sufficiente attenção para o descrever minuciosamente. Nem sequer soube dizer para que lado se dirigira o cliente quando saiu da loja. Durante um certo tempo, para ali ficou mister Wace, a tentar a paciencia do logista com perguntas desesperadas, e dando livre curso ao proprio exaspero. Até que por fim, decidiu-se de golpe, convenceu-se de que a coisa na integra lhe havia escorregado das mãos e se tinha desvanecido como uma visão nas trevas; recolheu para casa, um tanto admirado por vir encontrar os apontamentos que tomára ainda tangíveis e visíveis em cima da mesa atravancada.

Eram grandes, conforme aliás é de suppor, a sua contrariedade e o seu desapontamento. Fez segunda visita, sem effeito igualmente, ao logista, depois recorreu a annuncios nos periodicos que era verisimil irém parar ás mãos dos colleccionistas de *bric-à-brac*.

Escreveu tambem cartas á *Daily Chronicle* e á *Nature* mas, uma e outra folha, desconfiadas de qualquer logro, pediram-lhe, antes da inserção, que reflectisse bem no que ia fazer, e davam-lhe a intender, até, que uma historia tão estapafúrdia podia redundar em prejuizo da sua reputação scientifica.

E dahi, as exigencias dos seus proprios trabalhos foram assumindo maior grau de urgencia; e tanto que, decorridas semanas, á parte umas lembranças especiaes a uns certos logistas, com vontade ou sem ella, teve que dar de mão ás pesquisas relativas ao ovo de cristal, e desde esse dia o ovoide permanece inincontravel. De vez em quando, porém, conta-me, e eu sem difficuldade o acredito, que o accomettem acessos de verdadeiro frenesi levando-o a descurar as suas occupaões mais urgentes e a encetar de novo as suas pesquisas.

Esta ou não perdido para sempre o ovo, a

materia e a origem são coisas por igual especulativas no momento actual. Se houvera sido adquirido por um colleccionista, licito era o esperar que as investigações de mister Wace chegassem ao conhecimento do adquirente, por intermedio dos logistas. E não obstante, mister Wace conseguiu desencantar o ecclesiastico e o Oriental de mister Cave — que são nem mais nem menos que o Reverendo James Parker e o Principe Bosso Kuni, de Java. Sou-lhes devedor de uns certos pormenores desta historia.

O objectivo do principe fôra apenas mera curiosidade — e a propria extravagancia. O desejo de comprar o cristal fôra aticado unicamente pelo facto de mister Cave se haver manifestado tão renitente em vendê-lo. E' summamente provavel, aliás, o não ter o segundo comprador sido mais que um amator de occasião e de modo algum colleccionista, e o ovo de cristal, até o ponto em que é permittivel suppô-lo, encontrar-se-á, talvez, actualmente a alguns centos de metros do ponto em que eu me acho, a enfeitar uma sala qualquer, ou a servir de pesa-papeis, e é possível que as suas tão notaveis propriedades sejam desconhecidas de todo pelo seu actual possuidor. A fallar verdade, é em parte com a ideia de uma tal possibilidade que eu narrei esta historia sob uma fôrma que fará que a leiam como coisa absolutamente natural para o leitor vulgar.

As minhas ideias pessoasas quanto ao assunto são praticamente as mesmas de mister Wace. Creio que o ovoide de cristal pendurado no mastro, em Marte, e o de mister Cave se acham em uma qualquer relação fisica, actualmente, porém, inexplicavel em absoluto; direi mais, ambos acreditamos em que o ovo de cristal terrestre deve de ter sido — em data muito remota, talvez — enviado daquelle planeta cá para baixo, afim de facultar aos martenses uns vislumbres de informação ácerca dos nossos negocios. E' possível tambem que os correspondentes dos ovoides de cristal dos outros astros se achem dispersos pelo globo. Em todo o caso, hypotese alguma de allucinação poderá explicar estes factos.

M. MACEDO



Jerusalem Libertada

O sr. José Ramos Coelho, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, traduziu de novo o poema de Tasso.

Esta 2.^a edição, abranje um volume onde o texto vertido comprehende 507 pajinas, tendo alem disto um introito, e um apendice relativo á 1.^a edição. Raream já agora entre nós as obras de fôlego e os leitores esclarecidos.

O numero destes ultimos restringe-se e aperta-se de modo pasmoso, e o daquêlas é irrisorio comparando-o com os programas da instrução.

Quem julgar da mentalidade e produtividade portuguezas pela só leitura dos referidos programas, ha de supôr que as obras publicadas constituem um significativo testemunho em seu favor e uma legitima gloria da literatura nacional. Pois a verdade, triste verdade, assombra em toleima, em farfalhada, em analfabetismo completo!

Junte-se ao exposto a incompetencia de muitos editores e a imoralidade de varios escrevinhadores, e resultará daqui o estado real das coisas em Portugal sob o ponto de vista das letras.

E' pena que seja assim, visto os homens (poucos) de mérito e de criterio ainda existentes, desistirem de aparecer com trabalhos sérios por não haver quem queira aceitar e tomar a responsabilidade pelas edições respétivas.

Abundam, aliás, os livros de versos grotescos e piegas e as prosas eivadas de erros de linguagem e de obscenidades!

Quando se apresenta em tal meio, pobre de sexo e pobrissimo de carátér, alguma publicação digna de rejisto, nota-se a indiferença e o motejo parvo com que a recebem tantos sujeitos inchados com diplomas de academias, mas, infelizmente para êles, chatissimos de conhecimentos.

Tambem, o caso não pôde causar admiração; em regra, os asnos não se conhecem.

Ponto final, porém, no assunto, em que talvez fosse alongar-me em excesso e vamos á versão do poema, cujo autôr, pretendeu cantar a primeira expedição dos Cruzados á Terra Santa.

A devoção de visitar os logares venerados, por Cristo haver lá tido o berço e o tumulo, accentuara-se nos paizes do Ocidente desde o inicio da doutrinação apostolica.

Familias inteiras abandonavam os lares e a pa-

tria e arrostavam, na qualidade de peregrinos, as difficuldades quasi insuperaveis que se lhes depa-ravam até chegar á cidade deicida.

E nem sempre logravam o intento de adorar a Jesus no proprio local onde o filho de Maria soffrera as longas horas do processo e crucifixão, por quanto, os sectarios do Islam que estavam na sua posse, os hostilisavam constantemente.

Um dia, entretanto, o picardo Pedro, o Eremita, de regresso dos logares santos, relatou as occor-rencias da peregrinação com tanta eloquencia e tal entusiasmo communicativo que, o papa Urbano 2.^o, impressionado pelo celebre peregrino, proclamou em Clermont, no anno de 1095, a necessidade de socorrer os cristãos da Palestina.

Partiu então o primeiro exercito dos soldados da cruz, debaixo do commando de Godofredo de Bouillon, e, depois de travar combates durante uma penosa marcha, realisou a tomada de Jerusalem (1099), fundando o reino cristão, mais tarde perdido.

O italiano Torcato Tasso, inspirando-se no quadro historico de similhantes acontecimentos, exteriorisou-os em verso epico amoldado á grandeza e natureza do facto e ao ideal do cantor, não despresando no poema o recurso ao maravilhoso.

Como não é meu intento emitir juizo critico ácerca da obra primacial do Tasso e sim da tradução portugueza que acabo de ler e ainda tenho presente, vou aludir a esta.

Está consagrado por virtude propria, que não pela encommenda de artigos elogiosos, o nome do academico Ramos Coelho; e, se não estivera, impôr-se-ia com justiça essa consagração a quem levou a cabo duas traducções dum poema em 20 cantos, mantendo-lhe as belezas de orijinalidade com o perfeito brilhantismo impecavel do idioma de Camões.

Muita gente ousa afirmar que traduz com facilidade: quieria vêr tal gente a braços com a *Jerusalem Libertada*.

Dou mesmo de barato que bastantes portuguezes hajam facilidade em verter prosa; diminuirá infalivelmente o seu numero quando quizerem traduzir verso, obedecendo á rima sem transfigurar o pensamento do autôr expresso no original.

Ramos Coelho conseguiu-o plenamente na edição a que me reporto, e até, em mais de um ponto, valorisou por ventura o trabalho de Tasso, em si famoso.

D. FRANCISCO DE NORONHA.



A natureza e seus phenomenos

PARTE V

ELECTRICIDADE

CAPITULO III

APPLICAÇÕES DA ELECTRICIDADE

(Continuado do n.º 999)

São muito variados os aparelhos que utilizam a electricidade para produzir o fim desejado. Fallaremos dos mais importantes:

1) *Interruptores*. Tem por fim estabelecer ou interromper um circuito. São, em geral, peças de metal polido (platina, ouro, aluminio, etc.).

2) *Commutadores*. Tem por fim mudar o sentido da corrente.

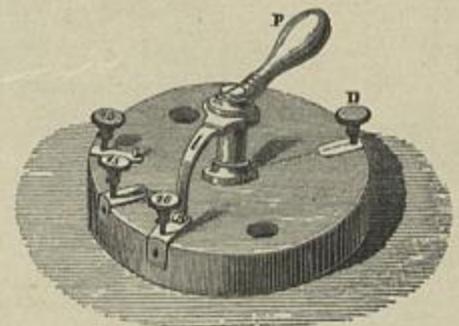


Fig. 65 — COMMUTADOR

Uma columna fixa n'uma tabua communica com o ramo D, do circuito. Na tabua ha varias placas de metal, communicando com outros ramos de diversos circuitos. A mola I com uma pega P, gira em torno da columna podendo ap-

poiar-se em qualquer das placas, fechando, portanto, qualquer circuito.

O commutador suizo consta de uma placa de madeira onde se fixam reguas metallicas parallelas communicando com varios circuitos por meio de botões metallicos pressores. Sobre esta placa, existe outra, com reguas perpendiculares ás primeiras, havendo no ponto de cruzamento, orificios, por onde se podem introduzir cavilhas metallicas, fazendo-se d'essa fórma, communicar electricamente, as duas laminas que n'esse ponto se cruzam.

III) *Relais*. Teem por fim substituir uma corrente por outra mais energica.

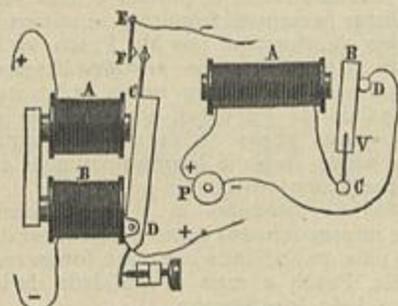


Fig. 66 — RELAIS

A B é um electro-íman por onde passa a corrente primitiva, C D, a armadura; a corrente de uma pilha mais energica passa no circuito onde é necessaria, fazendo parte d'este, a armadura C D e a mola E F.

Passando a corrente primitiva, o electro-íman magnetisa-se, attrahe a armadura, toca na mola E F, fecha o circuito da outra pilha e estabelece-se outra corrente mais forte.

IV) *Galvanoplastia*. É uma applicação dos efeitos chimicos das pilhas. Teem por fim dourar ou pratear objectos, ou ainda reproduzir medallas e altos relevos.

Os objectos que se pretendem dourar, depois de limpos das substancias gordurosas introduzem-se n'um banho de ouro, composto de 100 partes d'agua, 10 de cyaneto de potassio e 1 de cloroeto de ouro, contido n'uma tina. Suspendem-se os objectos a uma haste que communica com o cathodo da pilha, tendo o anodo (polo positivo), communicação com uma lamina metallica. Para pratear substitue-se o cloroeto de ouro, pelo cyaneto de prata e o electrode positivo por uma peça d'esse metal.

Para reproduzir em cobre, uma medalha, relevo, etc., prepara-se, primeiro, um molde de cera, ou gesso, e liga-se este ao cathodo da pilha, introduzindo-o n'um vaso contendo uma dissolução de sulphato de cobre. O electrode positivo é uma lamina d'esse metal.

Esta arte funda-se na electrolyse dos compostos metallicos d'onde resulta a precipitação do metal no electrode negativo, e os outros corpos combinados com o metal, dirigem-se para o electrode positivo, combinando-se com o metal, o qual se dissolve, conservando-se assim, a solução concentrada.

V) *Raios X. Photographia através dos corpos opacos. Luz negra*. Foi por um acaso que Roëntgen descobriu os raios X. Tendo preparado um tubo de Crookes e fechando-o n'um cartão negro, afim de effectuar uma experiencia, observou Roëntgen, n'um *étagère* afastado que uma porção de platino-cyaneto de baryo illuminava-se espontaneamente, desapparecendo essa phosphorescencia desde que cessavam as descargas electricas, no tubo de Crookes. Estavam descobertos os raios X. Concluiu, pois, Roëntgen que raios invisiveis atravessavam o cartão negro para ir despertar a phosphorescencia do platino-cyaneto de baryo. Tendo exposto esses raios, á acção de uma chapa photographica, obteve um negativo, com o esqueleto dos seus dedos.

Um guarda-fogo de platino-cyaneto tornou-se phosphorescente, collocado atraz de um livro de mil paginas, uma prancha de madeira, uma placa de aluminio de 15 millimetros de espessura, etc. A transparencia dos corpos opacos a certas radiações, estava, pois, demonstrada.

Além do platino-cyaneto de baryo, tornam-se phosphorescentes pela acção dos raios X, o sulphureto de calcio, spatho de Islanda, sal gemma, etc.

Os raios X differem de todos aquelles que até aqui temos estudado, por não se reflectirem, nem refractarem.

Estes raios não só tomam origem no vidro, como igualmente, n'outros corpos.

Charles Henry reconheceu que o sulphureto de zinco, corpo phosphorescente, submettido á acção dos raios solares ou luz de magnesio, pôde impressionar uma chapa photographica através de uma lamina de aluminio, ou uma folha dupla de papel. Beequerel demonstrou, igualmente, que os saes de uranio emittiam radiações que atravessavam os corpos opacos, se reflectiam e refractavam. Tendo envolvido n'uma dupla caixa de chumbo, durante 8 mezes, uma chapa photographica, e saes de uranio contidos em pequenas provetas selladas com parafina, afim de evitar a acção dos vapores, conseguiu Beequerel relevar a chapa que denotou os efeitos das radiações. Esse crystal de uranio produziria phosphorescencia visivel exposto á luz, mas perdel-a-hia, na escuridão.

Os raios de Beequerel approximam-se muito dos raios de Roëntgen, differindo d'estes, pelo facto de, como dissemos, se reflectirem e refractarem. São, portanto, raios luminosos.

A uma cathogoria de radiações influenciando uma chapa photographica e susceptiveis de atravessar os metaes, denominou o doutor Gustavo le Bon, *luz negra*. N'um *châssis* photographico, introduziu uma chapa sensivel, e em intimo contacto com ella, uma chapa de ferro cobrindo a parte anterior do *châssis*. Expondo a chapa assim preparada, á acção de uma lampada de petroleo, durante tres horas, obteve uma imagem do cliché, nitida por transparencia mas um pouco pallida. Se envolvermos a chapa photographica e a chapa de ferro n'uma caixa metallica cuja parte anterior seja formada por uma lamina de ferro, e as partes lateraes e posteriores, por uma lamina de chumbo, podemos obter uma imagem nitida, expondo o lado, durante tres horas, á acção de uma lampada de petroleo. Para explicar as suas experiencias, Le Bon suppunha que as ondulações luminosas, no metal, se transformavam em novas radiações. Niewenglowsky repetindo a experiencia, ás escuras, obteve o mesmo resultado. *Lumière* foi mais longe, dizendo que a luz negra não existia, e bastava fechar hermeticamente o *châssis* para não se obter resultado algum. O facto da experiencia de *Lumière* não ter dado resultado foi devido a não ter interposto entre a chapa e a lamina metallica, uma chapa de vidro. Os raios luminosos iriam excitar uma phosphorescencia especial do vidro, e então, obteriamos os raios de Beequerel.

Para reconhecer que a luz da experiencia precedente não é uma luz de phosphorescencia, Le Bon tendo coberto uma chapa sensivel de uma folha de papel com uma abertura circular, dispoz por cima d'essa abertura uma medalha de aluminio de 4^{mm} de espessura, com uma inscripção do lado que ficou em relação com a chapa sensivel, e uma effigie do lado opposto. Havendo phosphorescencia, a chapa gravaria a inscripção, mas o que succede, é realmente o inverso.

A *radiographia* é a producção de imagens photographicas através dos corpos opacos. Differe da *radioscopia*, porque esta consiste na projecção d'essas sombras, sobre corpos tornados phosphorescentes pelos raios Roëntgen.

As pilhas empregadas, para a producção d'esses raios, são, em geral, as de Bussen.

Para fazer o vacuo, nos tubos de Crookes, servimo-nos de uma machina pneumatica ordinaria. A pressão interior de um tubo de Crookes deve ser comprehendida entre 1 millesimo e 5 centesimos de millimetros, para bom resultado das experiencias. A fórma dos tubos pôde ser variavel. Os primeiros, que foram empregados, tinham a fórma de uma pera alongada.

Obtida a impressão da chapa photographica pelos raios X, resta-nos sómente revelal-a e fixar a imagem, o que se pôde fazer, por meio dos processos já indicados na photographia.

Na producção d'esta imagem é que consiste a *radiographia*.

VI) *Iluminação electrica*. N'um systema completo de illuminação electrica, temos a considerar: a producção das correntes (gerador), os focos e a distribuição e canalisação da electricidade.

Os geradores podem ser pilhas ou machinas de indução, sendo preferiveis estas.

A luz electrica é produzida pelo aquecimento devido á passagem da corrente n'um conductor. A natureza d'esse conductor estabelece a primeira distincção entre os focos electricos. Se é gaseoso, o foco diz-se arco *voltaico*, se solido, de *incandescencia*.

VII) *Telegraphia electrica*. São, os telegraphos, os aparelhos destinados a transmitir a distancia, ordens, avisos, etc., por meio de signaes.

A transmissão telegraphica entre dois pontos,

exige: 1.º, um fio conductor (*linha*); 2.º, uma *pilha*; 3.º, um *manipulador*; 4.º, um *receptor*.

São accessorios indispensaveis: uma bussola, um despertador e um pára-raios.

As linhas telegraphicas são formadas de fio de ferro recosido de 2 a 5 millimetros de diametro, coberto de uma pequena camada de zinco para o preservar da acção do ar. Os fios são sustentados por meio de postes, e sobre estes, fixam-se supportes de porcelana, em fórma de campainha, destinados a proteger da chuva, uma pequena haste que desce do seu vertice e se prolonga até á parte inferior, e que sustenta o fio. De 500^m a 500^m, collocam-se postes mais fortes (postes de tracção). Estas linhas dizem-se *aereas*, em opposição, ás que se collocam subterraneamente.

Os telegraphos electricos classificam-se em:

1.º *Telegraphos de agulha*, em que se obtem signaes por desvio das agulhas magneticas submettidas á acção directa das correntes que circulam nas linhas.

2.º *Telegraphos de mostrador*, nos quaes a corrente da linha actua sobre um electro-íman que regula o movimento de um ponteiro.

3.º *Telegraphos escreventes*.

4.º *Telegraphos autographicos*.

5.º *Telegraphos submarinos*.

6.º *Telegraphos fallantes*.

Telegraphos de agulha. Nos receptores d'este telegrapho, quando a corrente passa, a agulha desvia-se para um ou outro lado, segundo o sentido da corrente. É da junção d'esses desvios que resultam os signaes, correspondentes ás letras do alphabeto. É ainda o systema adoptado na Inglaterra.

Telegraphos de mostrador. A corrente actua sobre um electro-íman que se magnetisa ou desmagnetisa quando passa ou cessa a corrente, efeitos que se reflectem sobre um ponteiro que gira n'um mostrador onde estão marcados os signaes correspondentes ás letras do alphabeto. A corrente faz com que o ponteiro gire para um ou outro lado do mostrador, consoante a letra do alphabeto que se pretende transmittir.

A este systema pertencem os telegraphos de Bréguet e de Wheastone.

(Continua.)

ANTONIO A. OLIVEIRA MACHADO.

O MEZ METEOROLOGICO

Agosto, 1906

Barometro.—Maxima 766^{mm},8 em 30.

» Minima 758^{mm},9 » 1.

Thermometro.—Maxima 30°,1 em 12.

» Minima 15°,3 » 26 e 27.

Mez de temperaturas um pouco elevadas. Em 18, os extremos foram 26,6—21,1. De 24 a 30 baixa do thermometro.

Chuva.—27^{mm},3 em 10 dias, sendo a chuva recolhida em 4, de 10^{mm},5.

Vento dominante.—N.

Nebulosidade.—Bom tempo 11 dias.

» Nublado 18 dias.

» Encoberto 1 dia.

Temperaturas medias extremas: 24°,49 em 12 17°,94 em 28.

Relampagos em 4, 20, 22 e 27.

Trovões em 6 e 26.

Trovoada em 21.

Halos em 2, 13, 28 e 30.

O VAPOR «SCHLESWIG»

Esteve de passagem no Tejo este grande vapor da Companhia Norddeutscher Lloyd, Bremen, de que são consignatarios em Lisboa os srs. Pereira & Lane.

O *Schleswig* esteve primeiro no Porto onde deixou os excursionistas allemães, que vieram visitar o nosso pais e d'ali seguiram em caminho de ferro para Coimbra, Bussaco, Caldas, etc., até Lisboa onde tornaram a embarcar para continuar a sua viagem de recreio.

No dia 5 do corrente, em que o *Schleswig* chegou ao Tejo, foi convidada a imprensa pelos consignatarios srs. Pereira & Lane a visitar este bello navio, que pelas suas excellentes accomodações e luxo, bem se pôde considerar um vapor de recreio.

O *Schleswig* foi construido em 1902 nos estaleiros de Stettin e tem a lotação de 7:000 tone-



JOÃO JOSÉ PEREIRA

O COMMANDANTE PESCH

GRUPO DO COMMANDANTE E OFFICIAES DO «SCHLESWIG»
COM O SOCIO DA FIRMA PEREIRA & LANE, CONSIGNATARIO
(Cliché Benoliel)

apparelho também curioso é o que vimos na primeira classe destinado a fazer secar rapidamente, por meio de electricidade, o cabelo das senhoras, após o banho.

A sala de jantar, onde por fim entrámos, é lindamente decorada e bastante espaçosa, tendo ao centro uma grande mesa oblonga e dos lados outras mesas mais pequenas. Recebe luz natural por uma elegante claraboia que tem a meio do tecto, além da luz electrica a que é também illuminada.

N'esta sala foi servido um magnifico *lunch* no qual se fizeram varios brindes, sendo o primeiro do commandante á imprensa de Lisboa, ao qual correspondeu o director-proprietario d'esta revista, Caetano Alberto, por ser o mais velho dos jornalistas presentes. Seguiram-se outros brindes aos reis de Portugal por Mr. Pesch, ao imperador da Allemanha pelo sr. Mendonça e Costa que também brindou em nome da Sociedade de Propaganda de Portugal, etc. Durante o *lunch* tocou varias peças de musica a charanga de bordo assim como o himno portuguez e o allemão que foram ouvidos de pé.

Todos os visitantes se retiraram excellentemente impressionados tanto pela belleza do navio como pela amabilidade com que foram recebidos por Mr. Pesch e mais officialidade de bordo e pelo sr. João José Pereira.

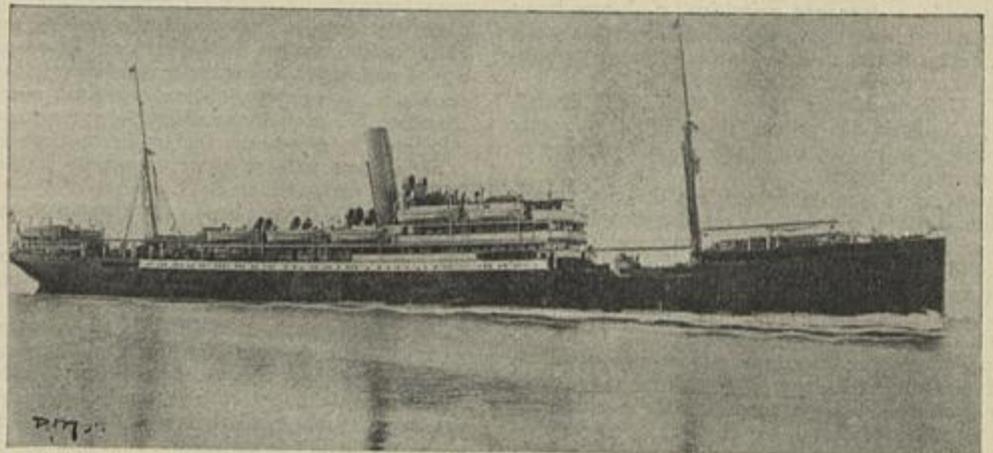
O *Schleswig* levantou ferro hontem seguindo viagem para a Madeira, com os excursionistas allemães que se demoraram em Lisboa apenas uns tres dias, tendo visitado Cintra, Cascaes e outros monumentos da capital com que foram encantados.

ladas. Para passageiros de 1.ª classe tem 220 camarotes nas melhores condições de commodidade e luxo; 70 para 2.ª classe e ainda logar para alguns passageiros de 3.ª.

Tem ainda o *Schleswig* boas salas para senhoras, para fumo e café, e salão para concertos.

Este vapor que tem feito carreiras entre Marselha e a Alexandria, foi fretado por um grupo de banqueiros e medicos allemães que, com algumas senhoras de suas familias, partiram de Bremerhaven em viagem de recreio visitando também Portugal.

Foi n'este magnifico vapor que os representantes da imprensa de Lisboa foram recebidos pelo seu commandante Mr. Pesch e pelo sr. João José Pereira, socio da firma Pereira & Lane, os quaes acompanharam os visitantes mostrando-lhe todas as dependencias do navio tendo occasião de vêr as magnificas acomodações acima descritas e algumas particularidades, como um aparelho por meio do qual em 3 minutos com a volta de uma simples roda collocada na ponte, se fecham todos os compartimentos estanques do navio, o que é de grande vantagem no caso d'este metter agua em occasião de temporal. Um outro



O VAPOR «SCHLESWIG»

DA COMPANHIA NORDDEUTSCHER LLOY, BREMEN, NO TEJO COM OS EXCURSIONISTAS ALLEMÃES

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras

R. do Alecrim, 441, 4.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA



A melhor agua de mesa conhecida

AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO-COLLARES
GAZOSAS LITHINADAS

Deposito geral:

Rua do Arco do Bandeira, 216, 1.º
LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Bonbons e nougat da fabrica Iniguez

KILO 1\$500 RÉIS

Os bonbons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca
em todos
os estabelecimentos



CHOCOLATE--CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Atelier Photo-Chimi-Graphico

F. MARINHO & C.ª

Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

N.º telephónico, 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras.—Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

Almanach Illustrado do «Occidente»

PARA 1907 (26.º ANNO)

Está no prelo e sae brevemente este interessante e antigo annuario, profusamente illustrado de gravuras e com uma linda capa a cores.

PREÇO 200 RÉIS

Ainda se acceitam annuncios.

Empresa do «Occidente» — LISBOA